



## **Ajuri - símbolo dos quintais agroflorestais amazônicos** *Ajuri - symbol of homegardens Amazonian.*

ARAÚJO, Maria Isabel de<sup>1</sup>; SOUSA, Silas G. Aquino<sup>2</sup>; RAMOS, Evandro de Moraes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Amazonas - UFAM, miar@terra.com.br; evandromramos@hotmail.com;

<sup>2</sup> EMBRAPA Amazônia Ocidental, silas.garcia@embrapa.br

### **Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias**

**Resumo:** As populações da hinterlândia amazônica possuem profundo conhecimento do uso do solo, fauna e flora, neste contexto, a troca de saberes é fundamental para o sucesso das atividades nos agroecossistemas amazônicos. O presente trabalho dialogou com a pesquisa bibliográfica por meio de símbolos sociais específicos e a pesquisa-ação etnográfica em três ambientes agroalimentar na Região Metropolitana de Manaus - AM. Observou-se durante a pesquisa que, na construção dos quintais agroflorestais amazônicos, é preciso ter amplo conhecimento sobre o manejo do solo, o cultivo das plantas e suas necessidades e resiliência sob as condições edafoclimáticas da região. Além disso, a construção resulta do processo de trabalho coletivo, social e solidário, denominado de ajuri. Conclui-se que a ação dos ajuris na construção dos quintais agroflorestais revela a simbologia intrínseca deste espaço agroalimentar, local de vivência e garantia da soberania e segurança alimentar às presentes e futuras gerações.

**Palavras-chave:** Agricultura; agroecossistemas; Amazônia, símbolos; signos.

**Keywords:** Agriculture; agroecosystems, Amazon; symbols; signs.

### **Introdução**

Os estudos que originaram este trabalho buscaram a partir da análise do processo de trabalho coletivo, social, solidário, denominado de ajuri, embasados na percepção visual da apropriação do espaço ambiental, referendados nos quintais amazônicos, sob o viés do processo civilizador, numa abordagem interpretativa da teoria Eliassiana sendo assim, baseia-se no contexto figuracional de formações simbólicas nas redes de interdependência que se processam na interação entre os sujeitos partícipes do ajuri, simbolizada no uso e manejo nos quintais agroflorestais, configurada no processo de fortalecimento e valorização cultural dos comunitários por meio do manejo da paisagem visual como representação gráfica da identidade dos sujeitos nos quintais da hinterlândia amazônica.

O termo cultura como axioma semiótico a partir da máxima de Elias (1998, p. 22) ressalta a questão das consequências de ordem semiótica e epistemológica acarretadas pelo reconhecimento do fato de que, no próprio saber, no encontro dos mundos simbólico e não simbólico, a natureza encontra-se consigo mesma.

A semiótica desse modo pode perceber as mais diversas manifestações, até mesmo as culturais num processo contínuo de associações sígnicas, assim a imagem



simbólica referente ao homem e a natureza revelando mudanças na paisagem, partilhados por signos e símbolos comuns.

Charles Peirce (1999, p. 286) abriu novas perspectivas, ao considerar símbolo, uma relação puramente convencional entre o signo e seu significado. Destacando o símbolo como: “representações em virtude de sua natureza original ou adquirida” A tendência do signo é de determinar outro signo, dando fluxo ao pensamento que é signo. Assim, o manejo da paisagem natural em quintais agroflorestais da hinterlândia amazônica podem revelar signos, resultado do trabalho coletivo em regime de ajuri, e significado de natureza adquirida.

Segundo conceitua Araújo et al (2016, p. 6) - o termo ajuri: é balizado por uma relação de mútua integração, presente nas práticas sociais do homem junto à natureza, vivenciado em função das atividades agrícolas presentes nas relações de trabalho, como uma identidade territorial em relação ao sistema de produção agroalimentar. Destarte uma multiplicidade de elementos simbólicos refletem a identidade étnica e cultural no sistema de produção agroalimentar (o quintal agroflorestal ou pomar caseiro), aprendidos de modo singular, no mundo dos signos e símbolos de acordo com seus costumes e saberes, reconhecendo-os como sujeito construtor do espaço e da espacialidade, partícipe do processo histórico, social e cultural, contraponto às doxas do bom senso e do senso comum, compondo da memória a identidade visual nos agroecossistemas amazônicos, importante espaço de vivência, muito além de um ambiente de produção agroalimentar que apontam as diferentes relações de saberes entre os agricultores familiares da hinterlândia amazônica.

Nesse contexto, a teoria Eliasiana, estabelece a ligação indivíduo/sociedade na complexa rede (teia) de interdependência, construída no processo de ajuri, gerador de mudanças permanentes nos quintais agroflorestais, configuradas nas relações sociais em que todos os sujeitos são participantes, em diferentes graus e com poder de transformação na sociedade dos agricultores familiar. Nesse cenário, o mundo social dos agricultores familiares tem suas representações no meio ambiente que traduzem simbolicamente o modo de vida no sistema agroalimentar, cujas representações culturais variam nos diferentes espaços e espécies cultivadas. Visto que, o plantio das variadas espécies nos quintais significa muito além do consumo alimentar.

Objetiva-se neste trabalho analisar as expressões sínicas dos agricultores familiares, produtores de significados próprios relacionados à percepção ambiental, usos, hábitos culturais e cotidianos, no mundo natural antropizado em agroecossistemas amazônicos, especificamente na construção dos quintais agroflorestais amazônicos, por meio do trabalho em ajuri.

## **Metodologia**



O quadro teórico-metodológico fundamenta-se na pesquisa bibliográfica com aporte na pesquisa-ação etnográfica (pesquisa de campo, observação participante, formulários e entrevistas), sobre as associações sgnicas da produção agroecológica dos sujeitos pesquisados.

Segundo Thiollent (2004, p. 13) a metodologia da pesquisa pesquisa-ação se define como sendo uma pesquisa social, com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo, no qual estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Por meio de uma abordagem crítica, integradora e participativas dos sujeitos pesquisados, articulada de saberes e fazeres, que guiam as ações de modo participativo quanto às suas atividades produtivas, sociais e ambientais, tendo como técnica e ferramentas, visitas de campo *in loco*, em três ambientes agroalimentar na zona rural da Região Metropolitana de Manaus nas coordenadas geográficas: 02°56'37,4" S 59°51'52,98"W (Manaus/AM), 03°13'48,1" S 59°56'57,8" W (Iranduba/AM) e 03°25'22" S 59°16'28" W (Autazes/AM), realizadas no 4º trimestre de 2018 e primeiro trimestre de 2019.

## Resultados e Discussão

O desafio que se apresenta sobre o manejo, cultivo e uso do solo na formação da paisagem dos quintais agroflorestais pesquisados revelou o conhecimento endógeno explicitado pelos agricultores familiares sobre o local. Observou-se que os diferentes mosaicos inseridos na paisagem natural são resultados da apropriação do ambiente, manejados sob as específicas condições edafoclimática da região. (Figura 1) Com base nestas experiências, partilhados por signos e símbolos comuns, os agricultores vão ocupando os diferentes espaços agroalimentar, em função e atributos que agroecossistemas oferecem como: alimentícios, medicinais, econômico e ecológico.



**Figura 1.** Plantio na terra firme e aspecto da produção na área de várzea. Fonte: ARAÚJO, M.I. (2018-19).

Os quintais agroflorestais revelaram diferentes variedades de espécies cultivadas, em função das diferenças culturais dos agricultores familiares, carregadas de pertencimento da memória cultural, cujo significado, aliados ao saber fazer, revelam



práxis multiculturais expressas nas manifestações dos saberes culturais e socioeconômicos.

Esses agroecossistemas são construídos coletivamente em regime de ajuri, com base na troca de saberes e experiências, apresentam o que hoje se designa de etnoconhecimento, reconhecidos nas concepções da multiculturalidade, construído por valores que fazem parte da constituição social dos povos da hinterlândia amazônica, simbolizado nas práticas sociais, nos espaços da casa, na feitura dos roçados, manejo, colheita e formações coletivas presentes no processo de produção agrícola, denominado de ajuri.



**Figura 2.** Ajuri no processo de produção agrícola. Fonte: ARAÚJO. M.I. (2019).

O quintal é simbólico, representa a natureza adquirida, construída pelo homem. Sendo assim, a construção deste agroecossistema não pode ser realizada por um indivíduo isoladamente, necessita da solidariedade, da fraternidade e da colaboração de todos que irão se beneficiar desse ambiente histórico e cultural da hinterlândia amazônica.

## **Conclusões**

A valorização simbólica presente nos quintais agroflorestais revelam valores intrínsecos, comprovados na percepção visual do espaço agroalimentar, presentes nos resultados da ação conjunta do trabalho em regime de ajuri. Representa a identidade étnica e cultural, aprendidos de modo singular, no mundo simbólico de acordo com seus saberes e costumes.

Os quintais agroflorestais são muito mais que espaços de produção de alimentos, são espaço de vida, cultura, saber, simbologia e resistência dos agricultores familiares, local de garantia da soberania e segurança alimentar às presentes e futuras gerações.

## **Referências bibliográficas**

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



ARAÚJO, M. I.; SOUSA, S. G. A.; BLAIDES, J. M. Práticas de Ajuri Processadas nos Quintais Agroecológico. **Anais**. In: II SISCULTURA/UFAM, 2016. GT 03. p. 1-11.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 107p.